

**CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS
DE N. S. J .CRISTO**



**TÍTULO DA
CONGREGAÇÃO**

&

**CULTO E DEVOÇÃO AOS PATRONOS
MARIA SANTÍSSIMA E SÃO JOSÉ, EM SEUS ESPONSAIS**



1984

ÍNDICE

Apresentação	4
---------------------	----------

PRIMEIRA PARTE : TÍTULO DA CONGREGAÇÃO

Carta do Superior Geral sobre o Título da Congregação	5
I. Nosso Título	6
II. Devoção aos Sagrados Estigmas ou Cinco Chagas	9
III. Reflexões práticas	12
1. Viver a devoção aos Sagrados Estigmas	14
2. Difundir a devoção aos Sagrados Estigmas	17

SEGUNDA PARTE : CULTO E DEVOÇÃO AOS PATRONOS MARIA SANTÍSSIMA E SÃO JOSÉ, EM SEUS ESPONSAIS

Capítulo I. Traços Biográficos gerais da festa dos Esponsais	19
1. Cônego Chicot e Dr. Gerson	
2. Atitudes sucessivas da autoridade eclesiástica	
3. Pouco a pouco, a festa se propaga	
Capítulo II. O Altar dos Esponsais e as primeiras celebrações nos Estigmas	21
1. Verona desejava a introdução do grande mistério	
2. O primeiro altar em Verona	
3. Gratidão aos Esposos!	
Capítulo III. Panegíricos e Panegiristas	25
1. “Discurso normativo” reservado aos Filhos pelo Pai	
2. A parte do Pai	
3. Os assuntos de vários sermões	
Capítulo IV. A solenidade da Celebração	29
1. Enquanto vivia Pe. Gaspar	
2. Após a morte de Pe. Gaspar	

Capítulo V. Fontes onde Pe. Gaspar buscou argumentos para fundamentar a devoção aos Esponsais	31
1. Pe. Ludovico da Ponte	
2. A Suma de Santo Tomás	
Capítulo VI. Por que Pe. Gaspar, quando quis que a sua Comunidade tivesse como Patronos Maria e José, os propôs especificamente no mistério dos Esponsais?	35

APRESENTAÇÃO

O estudo da espiritualidade Estigmatina nos leva a buscar nas origens o alimento para fomentar as nossas devoções.

Um carinho todo particular encontramos no Fundador, o Beato Gaspar Bertoni, e em nossos primeiros Estigmatinos, quanto às celebrações dos Sagrados Estigmas e dos Santos Esposos Maria e José.

Com esta finalidade, tenho a grata alegria de apresentar este opúsculo, contendo duas valiosas traduções: a carta do Revmo. Pe. Dionísio Martinis sobre a festa titular da Congregação dos Sagrados Estigmas, publicada no *'Il Bertoniano'*, vol. XII, Ano XXXI, nº 4, e o belo estudo feito pelo Revmo. Pe. Giuseppe Stofella sobre os Esponsais, na *Collectanea Stigmatina*, vol. I, fascículo III.

Lembremos o que dizem as nossas Constituições: “Os confrades vivem o mistério dos Sagrados Estigmas de Cristo, dos quais deriva o nome da Congregação, como lembrança e sinal da Páscoa do Senhor. A Congregação está sob o patrocínio dos Santos Esposos Maria e José. Os confrades vêem neles o modelo de íntima comunhão com Cristo, e os honram conforme a nossa tradição” (C. 10 - 11).

Agradecemos ao Revmo. Pe. Paulo Campo Dall’Orto pela sua generosidade em traduzir e custear as despesas de publicação.

Campinas, 04 de Maio de 1984.

Festa dos Sagrados Estigmas

Pe. Moacyr José Vitti
Superior Provincial

PRIMEIRA PARTE :**TÍTULO DA CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS
DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO****CARTA DO REVMO. PE. DIONÍSIO MARTINIS, SUPERIOR GERAL,
A RESPEITO DO TÍTULO DA CONGREGAÇÃO.**

O Superior Geral dos Padres dos Sagrados Estigmas de N.S.J.C., a todos os Reverendos Padres e Veneráveis Irmãos, graça e paz no Senhor.

Diletos confrades e filhos em Cristo, com unanimidade de votos o Capítulo Geral (XXV.o) 1946, decidiu reconhecer como festa titular da Congregação a Festa das Cinco Chagas de N.S.J.C. Desta forma aceitou implícita e definitivamente a sinonímia das atuais Constituições entre Estigmas e Cinco Chagas de N. Senhor.

Evidente o alcance da decisão capitular. Além de determinar uma das mais importantes festas de um Instituto, como seja a do próprio título. Além de dar por encerradas as discussões e divergências de pareceres com relação ao assunto, lança uma luz singular, mesmo, em nossa vida de religiosos, como também influi particularmente sobre o caráter de nossa devoção estigmatina.

É verdade que não se pode afirmar que a devoção e a santidade dos membros de um Instituto dependem do nome ou do Título porquanto isto tem como agente principal o Espírito Santo, que sopra onde quer (João III, 8) e tem como agente subordinado a livre vontade humana com os elementos negativos e positivos da própria personalidade. Todavia ensina-nos a história que Deus, tem, ordinariamente dado também certos caracteres e tonalidades próprias, que, aliás, ele respeita e desfruta.

Cada Instituto tem um Fundador, um fim secundário, uma Regra, um espírito próprio, tem outrossim uma atmosfera peculiar, em que todo membro deve viver, se mover, agir. Esta atmosfera é o mesmo Deus, visto, contemplado, amado, servido em determinado modo por ele exigido. Eis a razão da necessidade de que os chamados por Deus a viver e a se santificar em determinada Religião aprendam desde o começo a conhecer, apreciar e amar tudo a que se refere às origens dessa Religião, ao seu espírito, ao caráter de seu Fundador, e de seus primeiros discípulos, e também às devoções que em seu seio foram cultivadas desde os primórdios.

Isto tudo tem importância na vida e no desenvolvimento de um Instituto. Certas formas de raquitismo, paralisia, senilidade precoce, ou mesmo de regresso, que infelizmente se podem observar em Ordens e Congregações, tem, talvez, explicação no acentuado afastamento da estrutura espiritual por Deus desejada.

Ser-vos-á do agrado, queridos confrades, que por ocasião da Festa dos Sagrados Estigmas ou Cinco Chagas de N. Senhor, que pela primeira vez em nosso Instituto se celebrará como Festa Titular, vos apresente Circular, cujo objetivo é preparar-vos dignamente para ela.

Faço-o como pai solícito de vosso bem espiritual.

Abordarei o assunto do Título, da Devoção às Sagradas Chagas, e das consequências práticas que esta devoção deve apontar à vida religiosa e sacerdotal.

I. O NOSSO TÍTULO

Queridos confrades, todos sabem que o atual título da Congregação não foi escolhido pelo Venerável. Seguindo a inspiração de Deus e preocupado em dar aos seus filhos um cunho particular antes de lhes impor um nome. Preocupado em os formar na prática e no exercício das virtudes antes de lhes proporcionar a satisfação de os apresentar como religiosos. Preocupado em os ver perfeitos antes de lhes oferecer uma Regra escrita. Preocupado em uni-los a Deus antes de os lançar no apostolado "*in obsequium Episcoporum*", pelo que parece, havia relegado a um segundo plano o aquinhoar com um nome o novo Instituto por Deus desejado e cujos alicerces havia já lançado.

Surpreende-nos que ao esboçar as Regras não faça menção do nome do Instituto. Surpreende-nos ainda mais que na redação das mesmas isto não o preocupe, porquanto o título de "Missionários Apostólicos" que aparece nas Constituições por ele elaborada, com carinho e espírito sobrenatural, indica simplesmente seu fim que era e é ainda o de formar sacerdotes dotados de tal prudência, virtudes e ciência a ponto de serem declarados: "Missionários Apostólicos para enfim serem enviados "*quocumque*"... "*in diocesi et mundo*".

Evidente que, a respeito disto, Deus ainda não lhe manifestara nada. Doutro lado, o Venerável dócil à sua determinação de não prevenir a vontade de Deus se absteve de tomar qualquer decisão.

Assim veio a falecer sem ter aquinhoado seu Instituto com o nome próprio e sem lhe alcançar, por grande humildade, a aprovação de Roma.

Deus, que tudo dispõe com força e suavidade, de forma alguma havia deixado de assistir e proteger a fervorosa Comunidade, vulgarmente "dos Estigmas".

Encaminhou de tal maneira os acontecimentos que, quando seu 1º sucessor, Pe. João M. Marani, seis meses depois de sua morte, "convencido de interpretar a intenção de seu Pai e Mestre", formulara ao Papa Pio IX súplica no sentido de alcançar a aprovação (quer do Instituto, quer das Regras), não lhe foi difícil encontrar o nome, cuja ratificação solicitou de S. Santidade. "Ousa o indigno e humilde abaixo-assinado solicitar de V. Santidade queira honrar o referido Instituto Religioso com o nome dos Sagrados Estigmas. Até o presente momento, em Verona a Congregação vem sendo chamada, com este nome; devido à igreja, anexa à casa, igreja, dedicada aos Estimas de S. Francisco, o Seráfico. Todavia, se aprouver à V. Santidade conceder que o novel Instituto seja assim chamado, solicita o humilde abaixo-assinado, que V. Santidade declare entender com tal expressão os Estigmas ou Chagas de nosso Divino Redentor, o preço e a causa de nossa abundante Redenção"...

S. Santidade nada teve que objetar contra tal título. Adotou-o no "*Decretum Laudis*", concedido no dia 16 de março de 1855. Nesse decreto somos chamados "Sacerdotes dos Sagrados Estigmas de N.S.J.C."

Há, aí, uma circunstância a ser frisada, considerada como "particular disposição da Divina Providência" pelo Bispo, Dom Bento Riccabona. E que a "graça (o Decreto) havia sido concedido justamente no dia em que se veneravam as Sacratíssimas Chagas". (6a. feira da 3a. Semana da Quaresma).D

A par deste nome de "Padres dos Sagrados Estigmas de N.S.J.C." havia sido introduzido também o de "Missionários Apostólicos" que, aliás tinha mais aceitação junto aos nossos, e que continuou anos após até ser eliminado pela S. Sé, por ser título de honorificência pontifícia.

Este duplo fato de nome, a diversidade de pareceres sobre a conveniência ou não de se conservar o título que nos havia sido dado, o fato de se ter crido o vocábulo "Estigmas", por si não sinônimo de "Cinco Chagas", tudo isto fez com que a festa das Cinco Chagas não fosse considerada festa Titular da Congregação.

Depois de 1919, houve um movimento, que se insistiu junto à S. Sé, a fim de que nos fossem concedidos Missa e Ofício intitulados propriamente: “dos Sagrados Estigmas de N.S.J.C.”. Entendemos com isto as Chagas Gloriosas, que Ele quis conservar em seu corpo mesmo depois da Ressurreição, e, que, se crê, as tenha na glória do céu. Com isto desejavam aqueles padres conseguir uma especial Festa Titular, baseada sobre uma devoção distinta da devoção atual das Cinco Chagas de Nosso Senhor.

A questão encontrou, e, ainda encontra, graves dificuldades. Tratando-se de devoção que apresenta aspectos novos e com fundamento discutível, a Igreja procede devagar. Não tem pressa.

Tendo em vista, a lentidão do Magistério Supremo da Igreja, considerando, outrossim as objeções ponderadas de competentes com relação à sinonímia Estigmas Chagas Gloriosas e com relação, também, à mesma devoção às Chagas Gloriosas de Cristo enquanto distinta da, já, em uso junto aos fiéis, e sobretudo, tendo em vista, o sentido óbvio da Constituição 20, como nos foi dado pela Igreja na aprovação definitiva de nossas Constituições (ano 1925), o último Capítulo Geral (XXV - 1946), decidi reconhecer como festa Titular, a festa das Cinco Chagas.

Deste ano em diante, queridos confrades, celebraremos esta Festa não mais como uma qualquer, mas como uma das maiores e mais privilegiadas que se possa celebrar numa Ordem ou Congregação.

Acho supérfluo, com minhas palavras, estimular o vosso fervor e zelo para que haja celebração condigna, "com a máxima piedade" como o reclamam nossas Regras (Const. 20). Estou certo de que não precisais de minhas exortações. O mistério de amor e inefável sofrimento de que falam os Sagrados Estigmas, o saber que entre todos os Institutos Religiosos que florescem na Igreja, o nosso é o único que se honra com título tão glorioso, de mais a mais, a certeza de que este Título nós o alcançamos "por divina disposição" (como, aliás, nos garantem as Regras), a mim me parece sejam motivos mais que suficientes para que se imprima à Festa um cunho todo especial, uma fisionomia estigmatina. Isto, por conseguinte, falaria bem alto a N. Senhor e à sua Igreja da imensa gratidão pelo favor insigne com que nos galardoaram nos concedendo tal privilégio.

II. DEVOÇÃO AOS SAGRADOS ESTIGMAS (ou CINCO CHAGAS)

O vocábulo "devoção", tomamo-lo aqui não na acepção própria dos teólogos, mas sim na dos autores espirituais. Definimo-la: "uma tendência e propósito de dar aos impressionantes particulares da Paixão (como sejam as chagas das mãos, dos pés e do lado, por Cristo também conservadas no seu corpo ressuscita- do), um lugar especial em nossa vida espiritual".

Claro está que não pretendo vos apresentar um tratado completo a respeito desta devoção particular. Desejo, sim, abordar aqueles pontos que se relacionam historicamente com o Título da Congregação, e que, seguindo a Tradição, teologicamente a caracterizam.

Se Pe. Marani, como já vimos, solicitou do Papa Pio IX a graça de "distinguir" a Congregação com o nome de "Estigmas, ou, Chagas de Nosso Divino Redentor", não foi, certamente, para satisfazer uma idéia do momento, ou um capricho. Foi porque tanto ele como seus companheiros viam um nexo entre aquele Título e a prática seguida pela nova família religiosa.

Nosso Fundador e seus primeiros filhos sempre alimentaram devoção especial à Paixão e particular- mente às Cinco Chagas. Cultivaram-na e procuraram difundi-la entre os fiéis.

Apenas aberta ao público a igreja dos Estigmas, aí, se iniciou a função da sexta-feira relativa à Paixão e aos Estigmas ou Chagas de N. Senhor. O mesmo Venerável, para maior proveito dos fiéis, diversas vezes solicitou da S. Sé indulgências especiais (que aliás, nem sempre alcançou como desejava). Em 1844, lhe foi concedida indulgência Plenária para a festa das Cinco Chagas. Precisamente na súplica dirigida ao Papa Gregório XVI em 1844, que o Venerável descreve a função da Sexta-feira e lhe caracteriza o espírito:

"Praecinuntur devote gradus quidam Passionis D. N. J. C., habetur exinde concio moralis ad horae semissem, qua cum reliquae virtutes Christianae, tum maxime ad Crucifixum Dominum Nostrum veneratio ac pietas promoveantur; mox sequitur adoratio Quinque Plagarum ad Altare Crucifixi, quae precibus aliquot appositis continetur.

Etsi non nullas indulgentias Apostolica Sedes elargita fuerit Christi fidelibus qui praenuntiatis ad Crucifixum precibus intersunt, nihilominus oratur, ut eorundem

Fidelium pietas erga Passionem D. N. J. C., valde nimis in dies frigescent, Deo adjuvante, excitetur, utque Fidelium concursus ad excipiendum Dei verbum magis augeatur, quam enixe supplicat ut... qui... interfuerint et... preces effuderint in unaquaque prima cujuslibet mensis feria sexta, nec non feria sexta post Dominicam tertiam Quadragesimae, scilicet in festo Quinque Plagarum, quae praecipuo cultu venerantur, Plenariam omnium peccatorum Indulgentiam ac remissionem consequi valeant, etc. etc."

Esta função foi tanto do agrado do Servo de Deus que ele sempre quis pessoalmente pregar sobre ela, até que as suas forças lhe permitissem". Com que entusiasmo! Com que fé o fazia. "Falava com tal suavidade e zelo - refere-nos o Cardeal di Canossa - que o coração dos que o ouviam não somente ficavam persuadidos, como co- movidos e penetrados de maneira toda especial".

O nosso Título, portanto, tem base histórica. É um fato que não pode ser ignorado por ninguém.

Depois disto passemos a tecer algumas considerações sobre a Natureza desta devoção. Tem ela origem bem antiga. E oficialmente aprovada pela Igreja. Tem Missa e Ofício próprios e enriquecida de indulgências.

Autores há que identificam esta devoção com a da Paixão de N. S. Entretanto, não resta dúvida que ela tem objeto específico e se distingue desta. É verdade que, da maneira com que vêm sendo compreendida e praticada pelos fiéis, se refere às chagas dolorosas de Cristo. Todavia seu objeto completo e adequado são as Cinco Chagas, que Jesus recebeu na Paixão e conservou também depois de sua Ressurreição.

A origem desta devoção se deve ao fato de que as feridas dos pregos e da lança constituíram um dos momentos mais impressionantes e dolorosos da Paixão. (Só na lançada esteve ausente a dor). Diz S. Pedro Damiano: "*acerbior Passionis pars*". E mais. "Compêndio e também símbolo das dores de Cristo" - (cfr. S. Agostinho). Mas certamente para determinar esta devoção contribuiu também o fato de que Cristo quis conservar aqueles sinais de dor e de amor no seu Corpo Ressuscitado, e sobre eles chamou a atenção dos Apóstolos.

A quase totalidade dos autores, portanto, considera esta devoção como uma devoção especial, Principalmente os que consideram as Cinco Chagas como místicas moradas de nossas almas.

Não se pode negar que esta devoção, sob qual- quer prisma se considere, nos conduz ao Crucificado. As chagas dolorosas como as gloriosas; os Estigmas da Paixão como as místicas moradas das almas justas, falam-nos, com eficácia única, da suprema humilhação de N. Senhor, de sua morte de Cruz, condição e ponto de partida de seus triunfos. Dir-se-ia que Cristo não podendo levar consigo a Cruz para o Céu, levou aqui- lo que mais dores havia impresso em seus membros. Diz-nos S. Beda Venerável: "*Qui mortis signa destruxit signa mortis obliterare noluit*". Assim, lá dos esplendores da glória, nos repete também: "*Nonne haec oportuit pati Christum, et ita intrare in gloriam suam?*" (L. 24-26).

Estas chagas nos lembram um dos momentos mais solenes da Redenção. Descubrem-nos o dúplice mistério de amor e de dor.

Sua linguagem - portanto está ao alcance de todos, das almas mais e menos elevadas, das cultas co- mo das ignorantes.

Sendo a devoção às Cinco Chagas tão simples e intuitiva a ponto de poder ser compreendida e vivida por todos tão profundamente a ponto de nos conduzir, de fato, ao centro da Cristologia e da soteriologia, não causa admiração se conseguiu tantos aplausos, e tenha sido explorada por Santos de todas as épocas, e pelos Doutores místicos da Igreja.

Realidade e simbolismo, aqui, se dão perfeitamente as mãos. As chagas de N. Senhor animam-se com a mesma vida de Deus. Tornam-se o- vez por vez conforme os imperativos do momento, as necessidades da alma, o sopro do Divino, os atrativos da graça, as intuições da mente, os arrebatos do coração, (tornam-se) bocas que falam a linguagem de um Deus que se fez louco por nós; abismos insondáveis de dor a fim de nos resgatar ao poder do inferno; fontes vivas das quais brotam os caudais de graças, que inundam a terra; cavernas místicas onde se encondem as almas desejosas de ficar com Deus, em Deus e desejosas de fugir ao bulício do mundo, de gozar da contemplação de Deus e das coisas divinas; rosas ad- miráveis; estrelas fulgurantes que brilham no firmamento do Paraíso e constituem a felicidade dos Santos. Etc.

Não se trata de metáforas poéticas ou fantásticas. Pelo contrário. De interpretações e aplicações místicas e espirituais fundamentadas na realidade viva do Corpo físico e místico de Cristo.

Por meio das chagas, Jesus nos manifestou amor infinito. Através delas, especialmente da do costado podemos entrar em contacto com a Alma e com o Coração de Cristo.

Iria bem longe se quisesse transcrever as mais belas e significativas passagens dos Padres e dos Santos.

Na esperança de que algum confrade nos de tão grande satisfação e nos proporcione, assim grande proveito espiritual, limito-me a Vos indicar as lições do Ofício da Festa Titular e dos dias da oitava. Será rica fonte para a restauração do espírito.

III. REFLEXÕES PRÁTICAS

As devoções conforme o desejo da Igreja não podem ficar no plano da teoria. E indispensável que influam na vida de todo o dia. Alimentem o sentimento religioso. Afervorem o coração na caridade para com Deus e para com o próximo. Robustecem a vontade nas virtudes do próprio estado. Unam-nos mais intimamente a Deus no cumprimento de sua vontade. Reproduzam em nós os traços de Cristo.

Ora, se todas as devoções têm estas finalidades, quanto mais as que se referem à Humanidade de Cristo ou dela promanam. De Cristo, Homem Deus continua e continuará até o fim dos tempos brotar força misteriosa para as enfermidades. Naturalmente, o essencial é aproximarmo-nos d'Ele com fé viva, com desejo ardente de ser curados ao seu contacto. Se a hemorroíssa não tivesse feito isto, não teria alcançado o milagre de sua cura.

Entre as devoções que de maneira especial concorrem para a Redenção, certamente sobressaem as que se referem à sua Paixão, aos Sagrados Estigmas, ou Cinco Chagas, e ao seu Sagrado Coração.

Estas três devoções são nos prescritas pela Constituição 20. Fazem parte do espírito de nossa vocação. São meios pelos quais Deus N. Senhor nos concede as graças do nosso estado e o progresso na perfeição, tornando-nos assim instrumentos mais aptos para salvar o próximo. Subestimar o cultivo destas devoções seria faltar à obrigação especial. Privar-nos-íamos de auxílios talvez necessários.

Não nos esqueçamos nunca, caros confrades, de que nos organismos delicados, complexos e perfeitos, (como seja o da vida espiritual) um nadinha, um pequeno desarranjo pode acarretar complicações inesperadas.

Procuremos que estas três devoções se tornem nossas. Próprias dos Estigmatinos. E em modo especial se torne "nossa" aquela que dá o nome à Congregação.

Jesus crucificado, com suas chagas abertas e com seu coração transpassado esteja sempre diante de nossos olhares. Ocupe lugar de proeminência em nossos corações.

Ele, somente Ele, formou os Santos. Os Apóstolos. Os reformadores do povo cristão. Ele, Jesus Crucificado, formar-nos-á a nós, com a condição de desprezarmos tudo o que não seja "Ele", ou que não proceda d'Ele.

Implicitamente, isso nos é recomendado pelo Venerável em suas Constituições (P. IV. c. 3, n. 1): "*Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi J. Christum et hunc crucifixum*" (I Cor. II, 2). "*Ego sum Alpha et Omega, principium et finis*" (Apoc I, 8), nas quais Cristo é considerado princípio de vida e de atividade. Isto no-lo encareceria, hoje, se lhe fosse dado nos dirigir a palavra.

Se, à presença dos males que inundavam seu tempo e do acentuado esfriamento dos fiéis para com a Paixão, ele achou que o primeiro meio de reerguimento seria difundir a devoção a Jesus Crucificado, os Sagrados Estigmas e sua Paixão, que não faria hoje em que o mal rompeu todos os diques!!? E o que faria para instilar esta devoção no coração de seus filhos, continuadores de sua obra!?

Isto nos sirva de chamada de atenção, caros confrades. Anime-nos. Sacuda-nos se negligentes num ponto que nos diz respeito, e que tanto nos interessa.

O Título que muito nos distingue não nos deixe indiferentes ou negligentes. Pois isto, mais tarde - nos seria lançado em face. "Caracterize" nossa vida. Como caracterizou a dos maiores, e "a tiveram marcada com os estigmas de seguidores do Crucifixo". Indique "quais as disposições capazes de nos colocar ao encalço dos Apóstolos e dos nossos Padres, verdadeiros Missionários Apostólicos!"

Empenhemo-nos por estudar esta devoção dos S. Estigmas ou das Cinco Chagas, para senti-la. Amá-la. E sobretudo vivê-la.

Quantos de nossos Padres mostraram esta "devoção prática", consagrando sua vida ao apostolado sem reserva, sem trégua, mesmo até provocando talvez, morte prematura.

Permiti-me no entanto que de modo melhor e pormenorizado vos exponha como poderemos viver esta devoção e difundi-la entre os fiéis.

1. VIVER A DEVOÇÃO AOS ESTIGMAS.- Não é exagero pseudomístico, bem pelo contrário. Viver a devoção aos Estigmas é o dever de todo o cristão. Tanto mais do estigmatino. O cristianismo não é uma filosofia ou doutrina abstrata. Não foge à crua realidade. É o mesmo Cristo, inserido na alma pelo Batismo, a fim de se desenvolver, até, quase, lhe dar sua mesma personalidade. Suas feições. Seus caracteres, suas virtudes, suas prerrogativas. Todo cristão se torna, quase, um outro Cristo. Um ser em que Cristo continua vivendo as diversas fases de sua existência humana - divina. Cada um de nós, não é, talvez, um membro de Cristo? E a Igreja não é, talvez, o Corpo místico de Cristo? Disto falam-nos abundantemente S. Paulo e S. João. Para ser breve deixo de citar trechos de seus escritos, trechos que, aliás, estão em consonância com esta grande verdade, misteriosa sim, mas de realidade profunda: "Cristo vive em mim e eu nele" (Gal. II, 29 - Rom. XI, 5.11). O que cremos por fé, o veremos, com evidência no céu. Todavia certo conhecimento experimental desta realidade poderíamos tê-la mesmo, aqui, na terra, por bondade de Deus, se seguissemos as pegadas de N. Senhor tendendo à perfeição, isto é se não limitássemos a expansão da Caridade que o Espírito Santo difundiu em nossos corações (Rom. V, 5). O difícil consiste em que: irreduzivelmente apegados a nós mesmos, às comodidades, às pequenas e grandes satisfações, ora com esta, ora com aquela desculpa, nos subtraímos ao jugo do Senhor por julgá-lo pesado. Refugamos o sacrifício que a vida abraçada nos impõe, privando-nos assim de numerosas e preciosas "graças de união" de N. Senhor. As consequências que seguem são lastimáveis...

Justamente para evitá-las aponto este meio: "em toda a ação, em toda oração, em todo sofrimento, em todo ato de amor, pensemos que somos Cristo, que Cristo quer ainda agir, ainda rezar, ainda sofrer em nós. Assim instintivamente despojar-nos-emos de nossos sentimentos desregrados, mesquinhos ou limitados. Revestir-nos-emos então dos grandes sentimentos que animavam a Cristo em suas ações, orações, sofrimentos na terra.

Animados deste espírito, não nos parecerá sem sentido ou impraticável, ou sem propósito e estranho, o que afirmei, há pouco, a respeito da necessidade de "viver nossa devoção dos Sagrados Estigmas". Pelo contrário tornar-se-á coisa natural, para que N. Senhor possa ainda saciar sua sede de sofrimentos para a salvação das almas.

Sobretudo para que possa renovar em nós sua Paixão, sua crucifixão aceitaremos virilmente toda humilhação e sofrimento proveniente do cumprimento dos deveres, e por quanto possível e conveniente iremos à procura de outras mortificações. Tornar-nos-emos ávidos daquilo que o mundo e nossa natureza tanto detestam.

A devoção aos Sagrados Estigmas, assim vivida, nos libertará da tibieza; nos lançar-nos-á ao invés disso, nos braços do fervor. Far-nos-á observar os votos, as Constituições, as determinações dos Superiores. Com alegria aceitaremos as renúncias da vida comunitária. Renunciaremos a certas formas de passatempo ou lazer de sabor mundano. Perseveraremos, na vida da oração, de recolhimento, de união habitual com Deus. Ela nos levará a imolar, pela glória de Deus, e pelo amor às almas, todo desejo egoísta de descanso, sossego. Submeterá à graça e às moções do Espírito os instintos e as paixões humanas. Adestrados na crucifixão ativa de nossa natureza, sentir-nos-emos mais dispostos a receber também a crucifixão passiva proveniente de conjunturas particulares de espírito, de perseguições ou humilhações excepcionais. Desta maneira completaremos em nós o que falta à Paixão de Cristo místico, e levaremos impressos nos corações e na vida os Estigmas da Paixão, destinados a se transformarem depois da morte em sinais da glória.

Não nos impressione, nem nos espante, semelhante concepção de vida. No fim das contas quem a ela nos sugeriu, e quem a ela nos chamou foi N. Senhor. Sua graça é eficaz a ponto de tornar saboroso o que se nos apresenta amargo, à primeira vista. Não se pode fixar somente o aspecto externo, mas avaliemos o trabalho da graça. Não fosse assim fugir-nos-ia uma face importante da vida espiritual, (conforme a afirmação do Venerável) "a consolação interior de que nos dão prova as vidas dos santos, consolação tanto mais doce quanto mais secreta, maná escondido ao alcance somente de quem o come, o perpétuo convite de que goza, uma alma na segurança e paz do coração, doce colóquio com a sabedoria incriada, que exclui todo enfado, toda amargura. Quanto é bom o Senhor para aqueles que têm o coração reto".

Os mestres de espírito nos apresentam os meios para maior semelhança com Cristo e para provarmos seus sentimentos em qualquer conjuntura da vida: a) Estudo mais profundo da vida de Cristo e especialmente de sua Paixão.

b) Tomar como objeto das meditações a Paixão segundo os Evangelhos ou de outros bons autores. Fazer com fé a Via Sacra. Habituar-se com paciência a suportar os sofrimentos, unindo-os aos de N. Senhor, principalmente os que padeceu nos dias da

Paixão. Participar da S. Missa imaginando estar presente ao desenrolar da Paixão e Morte, não nos esquecendo da relação permanente, intrínseca, necessária que há entre Eucaristia e Paixão.

c) Ser apóstolo de Cristo e das devoções que lhe dizem respeito. Empenhar-se por se tornar exemplar do Crucificado, conforme as palavras do Venerável Pai: "Devem estar separados, desapegados, crucificados para o mundo... Se o mundo, sendo eu padre, (ou religioso) não quer concordar com minhas máximas, e eu concordo com as dele, sou padre (ou religioso), só de nome".

d) Cultivar em si e no meio em que se vive, a devoção especial aos Sagrados Estigmas. Ser-nos-á de ajuda para um contato mais íntimo com as dores e disposições de N. Senhor Crucificado. Recorremos aos méritos por eles adquiridos a fim de alcançarmos as graças indispensáveis para nós e para o nosso apostolado; de nos refugiarmos nas Chagas, sobretudo na do Costado, nos momentos de prova, de tentação. Neste sentido ao Pe. Bragato, então em Viena, Pe. Fundador lhe escrevia: "conservai-vos em espírito *"in caverna maceriae"*, nas chagas do Amabilíssimo e Humílimo Salvador". Desejar que as Chagas sejam-nos distintivo diante de Deus e diante dos homens e na glória do Céu.

Cito um trecho característico da Imitação (Livro II. Cap. 1), de que Pe. Gaspar se servia para ensinar aos sacerdotes a prática da "União com Deus": "Meu intento é vos mostrar como se deve penetrar no espírito desta devoção, e, em geral, na da Paixão e do Crucificado. "Se não podes contemplar, com João, coisas sublimes e divinas, permaneças aos pés de Jesus com Madalena. E com o coração contrito e humilde peças perdão de teus pecados. Se não tens asas de águia para voar nas alturas, tenhas penas de simples pomba que faz seu ninho na caverna, meditando nas chagas do Senhor. Mais descobriu Francisco na Paixão de Cristo do que os sábios e filósofos na contemplação do céu".

Esta devoção enfim levar-nos-á ao culto especial das Cinco Chagas. Lembrar-nos-emos delas em nossas orações cotidianas. Não deixaremos de rezar a oração indulgenciada, de honrá-las, em modo especial, às sextas-feiras e de nos preparar para a sua festa do Titular, com piedoso e Solene Tríduo em nossas igrejas e capelas. No tempo pascal teremos como propósito contemplar os Sagrados Estigmas no Corpo glorioso de N. Senhor, com ele nos alegrando pelos troféus da vitória sobre a morte e o pecado.

2. DIFUNDIR A DEVOÇÃO AOS SAGRADOS ESTIGMAS. Num panegírico em louvor aos Sagra- dos Estigmas de S. Francisco o Pe. Gaspar diz que "a razão pela qual os homens não amam a N. Senhor é que não pensam nas chagas. Fazei-os, fazei-os contemplar a Jesus que sofre e não deixarão de amá-lo."

O Fundador fez justamente isto. Nas funções das Sextas-feiras conduzia os fiéis à doce contingência de contemplar a Jesus paciente, a Jesus Crucificado. Falou-lhes com ênfase de suas dores e dos Sagrados Estigmas.

Isto se dará conosco, prezados confrades, se estivermos embebidos do espírito, altamente prático desta devoção. Se, por ela, formos tomados das emoções do Sagrado Coração, alvo dos pecados que se come- tem em todo lugar. Se, em nossa vida, a maior, senão a única preocupação for de ser imitadores de Cristo, até na crucifixão à imitação do Fundador.

Como consequência entregar-nos-emos a este apostolado espontaneamente, levados por uma necessidade incoercível do coração, já, apaixonado por N. Senhor Crucificado. Por um impulso proveniente do mesmo N. Senhor que em nós vive, porquanto Ele de- seja comunicar-se às almas, de todas as maneiras, mor- mente pela Cruz, pelas suas chagas.

Que admirável meio deu-nos a nós, Estigmatinos, a Igreja! A propósito, S. Boaventura chamava as Chagas de N. Senhor: "Chagas que sacodem os mais endurecidos corações. Que inflamam as mais insensíveis almas". Os Estigmatinos estão aí, no mundo, para is- to. Para este apostolado. Não só os sacerdotes. Mas - também os estudantes, os Irmãos.

Praticamente, havemos de difundir esta devoção do Crucificado e de suas chagas do seguinte modo:

a) Introduzindo em nossas igrejas e capelas alguma função, p. ex. a Via Sacra às sextas-feiras, que nos dê oportunidade de abordar o grande mistério da Paixão.

b) Aconselhando a prática das devoções aprovadas e indulgenciadas. Como sejam: a Via Sacra, mesmo privada, sempre tida como útil a toda classe de pessoas. A Hora Santa, em espírito de reparação e de amor para com Cristo agonizante no Horto das Oliveiras. A coroinha das Cinco Chagas. A devoção à Nossa Senhora das Dores, que viu cadáver entre seus braços a seu filho morto.

c) Celebrando do melhor modo possível e com a maior solenidade a Festa dos Estigmas ou Cinco Chagas, precedida de piedoso tríduo, possivelmente pregado.

d) Não deixando nunca durante os Exercícios Espirituais e nas Missões ao povo, de desenvolver o tema do Crucifixo, ou a respeito das Chagas de N. Senhor. Que se possa dizer de todo missionário estigmatino o que a Igreja diz de S. Paulo da Cruz: *"Didicistis sapientiam in Vulneribus Christi, confortaris ad labores in Sanguine Christi, gentes ducis ad poenitentia per Passionem Christi"* (Ant. 2.0 Vesp.).

Não pretendo continuar, prezados confrades. Percebo que abusei da paciência, da bondade de Vossos corações. Acho por bem, a esta altura, recolher as velas e aportar.

Queira N. Senhor pelas "Chagas do Amabilíssimo e Humílimo Salvador" (supl. do Ven. ao Papa Gregório XVI), pela intercessão de Nossos Padroeiros, cuja festa tão cara ao Venerável e a todo estigmatino, hoje celebramos, pelos méritos de Nosso Fundador, abençoar ao Instituto e a cada um de nós com o que há de melhor entre suas graças e dons. Principalmente com as graças de santificação. Cada um de nós esteja imbuído dos sentimentos e afetos de que transbordava S. Bernardo que, se referindo à Cruz e à Paixão, repetia: *"Haec meditari dixi sapientiam. Haec mihi in ore frequenter, ut vos scitis, haec in corde semper, sicut Deus scit. Haec mea sublimior philosophia, scire Jesum et hunc Cruci- fixum. Hic tibi sit cibus, et, potus, dulcedo et consolatio tua, mel tuum et desiderium tuum, lectio tua et meditatio tua, oratio tua et contemplatio tua, vita, mors et resurrectio tua"* (Sermão 43).

Com os desejos que o Divino Mestre imprima em nossos corações seus Estigmas e conforme com eles a nossa conduta e nossa vida, dou-vos a vós todos e a cada um, em particular a paternal bênção: Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Roma, 23 de janeiro de 1947.

Festa dos Esponsais.

Extraído de: Il Bertoniano nº 4 - 1946 - p. 80-94.

SEGUNDA PARTE :

CULTO E DEVOÇÃO AOS PATRONOS MARIA SANTÍSSIMA E SÃO JOSE, EM SEUS ESPONSAIS

Pe. Giuseppe Stofella

CAPITULO I:

TRAÇOS HISTÓRICOS GERAIS DA FESTA DOS ESPONSAIS DE MARIA COM JOSÉ.

1. Cônego Chicot e Dr. Gerson

Esta devoção especial - ou, diremos melhor - a solenidade que a comemora, "teve sua origem na França, no século XV, e, de lá, se espalhou para as mais distantes regiões". Assim se expressa Pe. Caetano Brugnoli, o primeiro de nossos padres a tecer o pane- gírio desta solenidade na igreja restaurada dos Estigmas de S. Francisco, em Verona, precisamente quatro meses após sua reabertura ao culto público (3 e 4 de outubro de 1822), na primeira ocorrência da festa dos Esponsais: 23 de janeiro de 1823.

Pe. Caetano continua dizendo que: "certo Cônego de Chartres deixou em testamento que nos aniversários de sua morte o Capítulo dos Cônegos deveria realizar, de maneira solene, a Comemoração de S. Jo- sé, entendendo com isto que o louvor a José revertesse- se também em louvor a N. Senhora.

O Cônego se chamava Henrique Chicot, amigo de João Charlier, doutor e chanceler da Universidade de Paris. João Charlier é o conhecido João Gerson, teólogo francês (1363 1429), alma do Concílio de Constança, com seu amigo Pedro de Ailly. Para satisfazer a pia vontade do testador, foi chamado este grande zelador do culto de S. José, que aconselhou a adoção do Ofício dos Esponsais de N. Senhora, que ele mesmo (Gerson) havia composto. "Esta devoção, diz-nos Pe. Caetano Brugnoli, foi se espalhando, e, no século XVI, por autoridade de Paulo III (1534 1549), era celebrada em toda a Ordem Franciscana. Este mesmo pontífice ordenou que Pe. Pedro Doré, dominicano, famoso pelas obras que escreveu, compusesse um Ofício que fosse próprio desta solenidade. Também Bento XIII (1724 1730), devoto deste mistério, no dia 22 de agosto de 1725 concedeu a faculdade de celebrar esta festa em todo o Estado Pontifício."

2. Atitudes sucessivas da Autoridade Eclesiástica.

Cônego Henrique Chicot morreu em 1413. Não há notícias de qualquer intervenção da Santa Sé em favor da festa dos Esponsais senão depois de mais de um século: em 1517 quando Leão X, a 29 de agosto permitiu às Irmãs da Anunciação, fundadas por S. Joana de Valois, a missa própria dos Esponsais *com* outras nove missas especiais em honra de N. Senhora. A festa se celebrava no dia 22 de outubro, com rito duplo de 2a. classe com cunho exclusivamente mariano e só com leves referências a S. José. Maria Santíssima era honrada "mais pelos laços de graça que tem com Deus, do que pelos do matrimônio com o carpinteiro de Nazaré". A idéia primitiva era no entanto dar ao Esposo um lugar mais ou menos igual àquele da Esposa.

Quando os Franciscanos (1537 Paulo III) e os Servitas obtiveram o privilégio desta celebração para os dias respectivamente 7 e 8 de março, a composição do ofício, foi quase a do ofício da Natividade de Maria, mudando "*Nativitas*" em "*Desponsatio*", mais ou menos como ainda o temos.

Ao Pontífice reformador Paulo IV (Carafa... 1555 - 1559), a festa dos Esponsais pareceu perigosa em razão de uma heresia que defendia que Cristo havia nascido de S. José. Por isto proibiu "sua celebração" (1556). Aconteceu que seu decreto não alcançou grande divulgação e, ... morto ele, morreu também o decreto. Então as coisas continuaram como dantes. Todavia o ofício de Pedro Doré, compilado nos moldes de João Gerson, não foi aceito na reforma do Breviário e do Missal Romano feita por Pio V (1556-1572) e as repetidas tentativas de encaixar a festa dos Esponsais no calendário da Igreja universal não obtiveram êxito.

3. Pouco a pouco, a festa se propaga.

A celebração desta festa "*pro aliquibus locis*", mesmo sem grande aceitação de Roma, foi pouco a pouco se propagando. A catedral de Arrás (França) a celebrou no mesmo ano da proibição de Paulo IV. Daí se espalhou por toda diocese e se estendeu até ao norte da França, e aos Países Baixos. Se em Arrás se celebrava no dia 23 de janeiro, no mesmo século na Morávia se celebrava no dia 18 de julho. Cerca de século depois, sua celebração foi solicitada pelo rei de Espanha, mas Roma a negou (1665). Em 1678 foi concedida ao imperador da Alemanha, e antes, à Áustria. Em seguida em 1680 a todo o "Sacro Romano Império" e no mesmo ano à Espanha onde passou a ser celebrada no dia 26 de novembro, porque o dia 23 de janeiro era dedicado aos santos

espanhóis Ildefonso e Raimundo de Peñafort.

Em 1689 foi a vez da Terra Santa. Em 1702, dos Cistercienses. Em 1720 (Bento XIII), da Toscana e- como já se falou - dos Estados Pontifícios. Missais impressos em Veneza, no século XVIII a levaram para o Domínio Veneto e "*alibi*" (obtida a 18 de março de 1696), com data fixa de 23 de janeiro, enquanto que os países de língua espanhola continuavam a celebrá-la a 26 de novembro. Sempre foi festa mariana. Para que houvesse a comemoração de S. José foi preciso um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos.

Sob Bento XIV correu o perigo de ser supressa. Nos Estados Vênetos foi supressa, de fato, quando se fez, em 1787 a redução das festas. A tentativa de fazê-la voltar, dez anos depois, encontrou aberta recusa. Com o florescente culto de S. José, com o frequente suceder-se de reuniões, semanas, congressos de estudos sobre o mesmo santo se poderia entrever, não muito distante, o dia em que a festa dos Esponsais de N. Senhora com S. José seria restabelecida, no sentido mais antigo, para toda a Igreja.

CAPITULO II:

O ALTAR DOS ESPONSAIS E AS PRIMEIRAS V CELEBRAÇÕES NOS ESTIGMAS.

1. Verona desejava a introdução do grande mistério

Digna de nota é a seguinte circunstância: Considerando que a cidade e diocese de Verona pertenceram até 1797 ao Estado Veneto, onde o culto litúrgico dos Esponsais de Nossa Senhora com S. José estivera em pleno vigor, ou, pelo menos, fora festa facultativa; e considerando a presença na cidade e diocese de Ordens Religiosas, que há tempos gozavam do privilégio de tal culto, pode-se bem deduzir que aquele mesmo culto, quando celebrado nos Estigmas, não apresentasse propriamente novidade.

O primeiro panegírico acima citado faz esta afirmação genérica: "Percebemos esta devoção se espalhar, também, por nossas regiões", não se referindo, em particular, à cidade e diocese de Verona. Pe. Caetano Giacobbe, sem mais afirma: "Nossa Igreja (isto é: a igreja Veronesa) estava desejando a introdução do grande mistério". Se, de fato, não era totalmente ignorado era conhecido, ao menos, o tanto para ser desejado, e, celebrado com culto mais adequado e público.

Em todo o caso, parece certo que "este grande mistério" não tinha, ainda, em Verona, um altar próprio, antes que, Pe. Gaspar construísse o seu nos Estigmas. "Os

bons casais veroneses - continua Pe. Giacobbe ficam bem gratos ao Pe. Bertoni por ter sido ele o primeiro a dedicar o altar-mor de sua igreja ao grande mistério".

Nós dizemos: "os não cônjuges também".

2. O primeiro altar em Verona.

De tudo isto pode-se deduzir quanto o pensamento dos Esposos dominasse Pe. Gaspar, e, toda sua primeira comunidade, durante a trabalhosa restauração que o levou a erguer um novo altar-mor e dedicá-lo justamente "ao grande mistério".

E os direitos do Titular? O velho altar-mor, desparecera daquela igreja já em péssimo estado.

A tela do pintor Antônio Balestra (1666-1740) em que se vê S. Francisco recebendo os Estigmas - figurava, há anos no Museu Municipal. (Parêntesis curioso: o quadro dos Estigmas de S. Francisco que hoje se vê em um altar lateral daquela igreja foi colocado lá em setembro de 1894, sendo obra do professor José Zannoni. É estranho que não se conheça o autor do quadro dos Esponsais).

S. Francisco, com certeza, avaliando o porte dos personagens que iriam ocupar seu lugar no altar-mor, não se queixaria. Pe. Gaspar, em contrapartida, lhe teria dado mais tarde, não uma mas duas festas do ano, com dois panegíricos: no dia dos Estigmas de S. Francisco (17 de setembro) e no dia de seu natalício (4 de outubro).

Voltemos aos Esponsais.

O amor e zelo do Pe. Gaspar pela difusão e prática do pio exercício do mês de março vem de 1817 ou 1818. As cartas em que ele agradece à Leopoldina Naudet por lhe ter mandado os livrinhos não podem ser posteriores.

Reconhecemos implícito o pensamento "daquele grande mistério" em duas anotações de Pe. Miguel Gramego em suas "Memórias" de 1818: "N.B., mas bem e muito bem!! No início de abril fez-se o contrato para a construção do altar-mor". E um outro "nota bem": em 28 de setembro deu-se o início da construção do altar-mor".

A primeira anotação explícita dos Santos Esposos é de novembro de 1820. Não ainda acabado o altar, se inicia na igreja celebração, não pública, no altar lateral de S. Catarina Virgem e Mártir no dia 25 de novembro. Pe. Gramego assim conclui: "Esperamos que os Santos Esposos nos ajudem a acabar, em breve, toda a obra, colocar

em ordem os demais altares e abrir ao público a igreja. *Soli Deo honor et gloria*". A- qui o culto aos Esposos se apresenta em pleno vigor. Outra anotação de maio de 1822. A abertura da igreja ao público está próxima. "No dia 15 de agosto foi benzido o sino, que se chamou "Maria-José", e que ficou por conta do "nosso bom nono", Pe. Nicolau Galvani.

Portanto, os Santos Esposos egregiamente se empenharam, ajudando e conduzindo a bom termo o empreendimento. Era, naturalmente, seu desejo que seu culto começasse logo, naquele sagrado recinto e publicamente. E, que, sem demora, na primeira ocorrência, aí, se celebrasse a festa com a devida solenidade.

3. Gratidão aos Esposos!

Eis-nos no dia 23 de janeiro. Pena que a indulgência plenária, implorada ao Papa Pio VII à pessoa que visitasse a igreja nas duas festas dos Esponsais e do Titular foi alcançada somente no dia 28, cinco dias após a primeira ocorrência.

Os sacerdotes de fora que compareceram para prestigiar e dar maior vulto à solenidade com a celebração da Santa Missa, foram 42. Contando também Pe. Gaspar e seus 4 companheiros o número chegou a 47. É conveniente se notar que entre os padres se achavam dois candidatos aos altares: o venerável e o Pe. Carlos Steeb (1773 - 1856). Pe. Nicolau Mazza (1790-1865) e o mesmo Carlos Steeb vieram juntos noutra ocasião e assim os ditos servos de Deus se encontraram, então, em número de 3.

O sentido da festa foi focalizado brilhantemente no sermão vespertino, pelo Pe. Caetano Brugnoli. É o primeiro da gloriosa série.

Pe. Brugnoli fizera já a prédica na primeira abertura da igreja, acerca "do benefício de Deus em se abrir um templo a seu culto". Aqui, tendo apresentado um esboço (por nós já referido) sobre a história litúrgica da festa que se estava celebrando, começa tratando do fato - finalmente atual, da existência em Verona de um altar dedicado ao culto dos Esponsais. Não fala, que foi feito de novo, nem de quem é o mérito. Assim, Bertonianamente. "Porque, graças a Deus, vemos nossa cidade de posse de um altar dedicado a esta festa, a fim de ir ao encontro do desejo da Igreja. E, para que possais inflamar vosso coração pela devoção a este tão célebre e augusto mistério mostrar-vos- -ei nesta tarde, a excelência do matrimônio de Maria por ter servido de instrumento à Divina Providência, para levar a cabo a mais importante de suas obras: a Encarnação".

Bastem estas palavras para tolher todo equívoco. Se, de um lado não devemos nos esquecer que Pe. Caetano Giacobbe disse que os bons casais veroneses são gratos ao Pe. Bertoni pelo quadro dos Esponsais exposto em sua igreja, doutro lado, não pense ninguém de restringir o limite desta devoção, àquela classe particular exclusiva. Não. No pensamento de Pe. Gaspar e de seus colegas, a devoção aos Esponsais, por sua soberana excelência e pela amplitude de suas aplicações, é toda dirigida a todos.

Pe. Caetano Brugnoli em seu primeiro panegírico ficou fiel, do princípio ao fim, ao desenvolvimento do tema proposto. Conclui, simplesmente, com um profundo desejo que "estes Esponsais sejam religiosamente venerados por todos nós, e que a mais terna devoção a este mistério ocupe nossos corações. Tendo, apenas acenado à vantagem "de conservarmos favoráveis tão poderosos Patronos, porque tanto no céu como na terra, se acham tão perto daquele Redentor que será nosso juiz", chegou à invocação final - invocação em favor das mais prementes necessidades de toda vida cristã, cuja meta é levar dignamente "completa vitória sobre todos os inimigos." Acabou suplicando: "Não nos abandoneis um instante só... até que não tenhamos conseguido nosso fim verdadeiro."

O mesmo pregador segue o idêntico raciocínio, em 1825. Seu a jumento partiu da consideração dos dois excelsos Esponsais escolhidos por Deus, com especial Providência, "o de Adão e Eva, e... o de Maria e José. O primeiro para que dele nascesse o gênero humano; o segundo para que dele surgisse o Redentor. Aquele para que desse a vida aos homens. Este para que a desse ao Homem Deus". Em seguida apresenta o assunto: "Os Esponsais de Maria com José foi o mais perfeito de todos". Prova-o com os três títulos atribuídos pela tradição teológica à perfeição do matrimônio: *Fides, Proles, Sacramentum*. Os benefícios de todas estas considerações redundam em benefício de todos: "a fim de que vossos corações se encham sempre mais de veneração e amor para com os Santos Esposos". Tendo em seguida - apresentado a prova de sua asserção, conclui pouco a pouco, em tom de intimação: "Estes Esponsais os devemos não só admirar por sua maravilhosa perfeição, mas o devemos venerar com os afetos do mais ardente amor e mais singular gratidão" por motivo "dos grandes benefícios que deles nos advêm, benefícios espirituais, benefícios de gloria eterna". "Se temos uma lei da graça, a Eucaristia e os Sacramentos, se tivemos um Reparador e a Redenção do mundo: gratidão aos Esponsais". É verdade que Jesus é o único Redentor, mas Maria e José são coadjutores da Redenção.

CAPITULO III

PANEGÍRICOS E PANEGIRISTAS.

1. "Discurso normativo" reservado aos Filhos pelo Pai.

A série ordenada e completa dos panegiristas dos Esponsais nos anos de que nos ocupamos, talvez nos seja impossível redigi-la. Por esta ou aquela razão. Todavia, pelos sermões de que temos conhecimento, podemos ver que todos, ou quase todos, os pregadores, ou melhor, profissionais da pregação, são da Comunidade dos Estigmas, exceto Pe. Vicente Raimondi, que entrou na Companhia de Jesus. Nem Pe. Gaspar fez algum.

Além dos dois panegíricos de Pe. Caetano Brugnoli, de que já temos ciência, há três do Pe. João Maria Marani (1828 1848 1849). Dois do Pe. Luiz Bragato (1829-1833). Um do Pe. Inocêncio Venturini (1844). Sem indicação de data temos um do Pe. Francisco Benciolini e um do Pe. Luiz Biadego. Dois do Pe. Carlos Fedelini. Há também um do Pe. João Batista Lenotti (1851).

Alguns destes sermões com ou sem modificações pelos próprios autores ou por outros em seu lugar, foram repetidos antes e depois da morte do Pe. Gaspar. Não há nem indício nem memória de que no tempo do Fundador, para o sermão da solenidade dos Estigmas tenha sido convidado um estranho. Diz Caetano Giacobbe que o "Sermão exortativo" era feito por um de seus sacerdotes.

Curioso que a respeito dos Esponsais não tenhamos absolutamente nada do Pe. Gaspar. Isso talvez se deva ao fato de que os seus manuscritos, que, ainda se conservam, sejam, na maior parte, de antes de seu ingresso nos Estigmas e de sua vida na Congregação. Também não restou nenhuma linha de seus muitos sermões da função da sexta-feira. Permita-nos crer, que a esta altura, lhe bastasse recolher-se em meditação, mesmo quando coubesse a ele tecer aquele panegírico. Podemos conjecturar que tendo ele reservado a si as pregações das sextas-feiras, tenha, então, entregue de boa vontade, a seus companheiros, as pregações do dia 23 de janeiro.

Isto não quer dizer que Pe. Gaspar se mantivesse estranho à preparação dos panegíricos de seus filhos. Diz Pe. Caetano Giacobbe que regularmente dedicava boa parte do dia para ouvir ou rever aquilo que acerca dos "casos teológicos" e pregações escreviam os seus sacerdotes.

2. A parte do Pai.

Nos Estigmas, não raro e de boa vontade se trabalhava em equipe, ou em conjunto. Não nos é possível imaginar, então, que a este costume fugisse a pre- paração da festa dos Esponsais, nem se pode admitir que seus discípulos omitissem o recurso à inexaurível fonte. Não acreditamos que este recurso se restringis- se simplesmente à revisão da forma literária para uma redação definitiva, ou fosse só pro forma.

E de se lastimar que estes sermões sejam sacrificados ao gosto oratório e à forma literária do tempo.

A interferência de Pe. Bertoni nos assuntos dos panegíricos e na sua redação são claras. Temos ainda o rascunho e a redação definitiva de três sermões do Pe. Marani. No rascunho aparecem sinais repetidos e evidentes de uma leitura feita para outro a fim de se aporem as respectivas correções, antes de serem passados a limpo. Quem será esse outro senão Pe. Gaspar? E certo que Pe. Marani seria capaz de sozinho redigir um sermão e... bem. Mas que fazer? A glória de ser filho e discípulo de um sacerdote como Pe. Gaspar, o levaria, mais tarde, até aos pés do Papa Pio IX.

Sem ser prolixos, gostaríamos de reconstruir o fato. Era nos inícios de 1848. Pe. João Maria Marani morava nos "Dereliti". Numa de suas visitas aos Estigmas recebe do servo de Deus a tarefa do Panegírico dos Esponsais: Quer dizer, de novo, sem repetir o que ele mesmo e os outros já falaram? Como algo de novidade Pe. Gaspar lhe sugere um tema em duas partes: "Os Esponsais de Maria Santíssima com S. José são sobremaneira admiráveis por duas razões: primeira, pela excelente perfeição da Caridade de N. Senhora por ter dado ela o próprio consentimento; segunda, pela sapiente e alta Providência de Deus que propôs este Matrimônio e o fez realizar para os fins sublimes da Salvação do mundo". Pe. Marani volta para casa, onde faz a primeira redação. Dá um pulinho aos Estigmas e a lê. A certo ponto, tendo que se afastar, ou por outra circunstância qualquer, interrompe a leitura e assinala àquela altura: "lido". Assim, uma segunda e terceira vez. Daí passa a limpo a redação definitiva, que corresponde fielmente ao rascunho corrigido. Também Pe. Fedelini se refere a esse recurso ao Pe. Gaspar, quando se tratou de um panegírico dos Esponsais.

É natural que os filhos e discípulos traduzam pensamentos e sentimentos do Pai e Mestre. Parece-nos lógico que os pósteros procurem aqueles pensamentos e sentimentos, onde quer os possam encontrar.

3. Os assuntos de vários sermões.

Não achamos inútil trazer aqui os vários assuntos dos sermões dos Esponsais, que graças a Deus chegaram até nós.

Já conhecemos os dois do Pe. Caetano Brugnoli (1823 1825). Também o do Pe. Carlos Fedelini (1848).

a) Em 1828, Pe. Mariani desenvolve o seguinte tema: "Como a castidade conjugal é o mais destacado dever, entre outros, do estado matrimonial, seu mais belo ornato e decoro". (S. Paulo aos Hebreus XIII, 4), assim se expressa: "a mais excelente e singular pureza virginal como se admiram e se celebram pela Igreja em Maria e em seu esposo José é o que dá destaque e engrandece, de modo todo novo o matrimônio dos dois privilegiados esposos".

Em 1849, expôs o seguinte: O matrimônio de Maria com José " é a mais perfeita forma do matrimônio cristão pela pureza dos fins e pela sublimidade dos motivos, pelo tino e pela circunspecção e prudência na escolha dos meios, pelo decoro, pela virtude, pela santidade em usar destes meios e em viver neste estado e em cumprir todos os deveres concernentes a ele".

b) Pe. Luiz Bragato em 1829: "Afirmo, ouvintes, que se também neste matrimônio quiséssemos somente considerar a qualidade dos Personagens que por ele se uniram, só por isto este Matrimônio seria o mais excelente de quantos já existiram ou poderão existir. Disto se deduz, que sem dúvida, é o mais capaz de infundir em nós a mais sincera e profunda veneração"

Este assunto foi desdobrado em três pontos. Pe. Bragato deles nos legou algumas idéias como ensaio de um desenvolvimento preliminar. O Matrimônio de Maria com José é o mais excelente: 1.0 - considerado em si, isto é, em seus personagens; 2.0 considerado no "fruto" que proveio dele, por ele, senão dele, Jesus Cristo; 3.0 considerado nos efeitos que dele provieram à Redenção dos homens.

Em 1833 o mesmo Pe. Bragato se propôs o seguinte tema: "Os Esponsais de N. Senhora com S. José é o Matrimônio mais feliz de quantos haja visto ou verá a terra. 1.0 - pela dignidade sobre-humana, à qual a Virgem foi elevada: "Mãe de Deus, suprema e gloriosa Rainha da terra e do céu; 2.0 - pelo fato de que por ele e nele se pode acolher, nutrir e dar à terra

para sua salvação o supremo Libertador e Salvador"; 3.º pela grande glória que dele proveio a N. Senhor.

c) Alguns anos depois Pe. Biadego: "o feliz casamento de Maria com José é fonte de alegria para todos os povos pelos bens que se esperam de tão excelsa esposa". "O único instrumento humano da Encarnação do Verbo para a salvação ab eterno escolhido é a Virgindade de Maria; meio providencial para a defesa e guarda da Pureza virginal antes do parto, no parto e depois do parto". Além disto, preventiva defesa do Fruto daquela virgindade, o filho de Deus feito homem são os Esponsais de Maria com José.

"Se é, de fato, depois dele que a Providência nos apresenta o Verbo Encarnado na sua vida pública, é todavia, à sombra dele e por Ele que nos faz ver, até aos 30 anos dedicado às virtudes que se referem à vida privada, virtude tão comuns, por isto mesmo, as mais necessárias ao homem. Qual mais perfeito exemplo de virtudes matrimoniais do que os Esponsais de N. Senhora com S. José? O admirável modelo de perfeição em tudo! O digno instrumento da salvação humana, Esponsais de Maria e José".

d) Em 1844, Pe. Inocêncio Venturini: "Neste mistério foi que Deus ostentou não luxuosa mostra de pompas terrestres, mas magnificência de suas riqueza". *O altitudo divitiarum sapientiae Dei!* Desta maneira os Esponsais são um tesouro de Sabedoria Divina para a obra prodigiosa de Deus em ordem aos fins, na escolha dos meios e em preparar os esposos. Esta é a primeira parte. Mas "aquilo que mais me agrada, ou melhor, que mais agrada aos S.S. Esposos é: *"ut imitari non pigeat quod celebrare delectat"*.

Pe. Inocêncio Venturini fez, também, três belos sermõezinhos em preparação aos Esponsais, pronunciados no Oratório Mariano, em três diferentes anos, nos domingos que precediam a festa. Pelo teor familiar fogem a certos defeitos da época e deixam trans- parecer mais o espírito de devoção.

e) Vejamos Pe. Francisco Benciolini: *"Cum jucunditate Desponsationem Beatae Mariae Virginis celebremus"*. Por que? "Porque nos marca o fim de nossas desventuras, e começo da felicidade eterna. De fato, foi o primeiro meio do qual se serviu Deus para realizar a mais importante das obras: a Redenção do Mundo".

f) Demos um lance de olhos nos dois sermões do Pe. Carlos Fedelini. O primeiro: "O Matrimônio de Maria e José não só é prodigioso mas, sob qualquer prisma se contempla é verdadeiro acervo de prodígios, ANTES do Matrimônio nas reiteradas profecias; NO Matrimônio, na formação miraculosa, nas pessoas dos cônjuges, nos múltiplos fins para os quais serviu, APÓS o Matrimônio, na prole que é divina (o filho de Deus); nos efeitos que se estendem a todos, continuando até ao fim do mundo, e mesmo pela eternidade adentro".

O assunto do segundo: O Matrimônio de Maria com José é a honra do matrimônio cristão. É o *Connubium honorabile, in omnibus*, em supremo grau; ao contrário de saber à terra, é coisa toda do céu.

g) Finalmente, chega a vez do Pe. João Batista Lenotti. "O caráter distintivo deste matrimônio parece-me não ser outro senão singular santidade. O Matrimônio de Maria com José foi o mais santo que se haja visto sob as estrelas. O mais santo no momento de ser contraído. O mais santo depois de contraído. E o mais santo em fruto bendito".

CAPITULO IV

A SOLENIDADE DA CELEBRAÇÃO.

1. Enquanto vivia Pe. Gaspar.

O que poderíamos dizer da solenidade externa desta festa nos Estigmas? Certamente o aparato externo teve que sair, um pouco, do uso em voga naqueles tempos, pois Pe. Caetano Giacobbe duvida se se pudesse chamar "solenidade" aquela que Pe. Gaspar introduziu em sua igreja. Pe. Giacobbe diz: "Ele as instituiu de modo a não ter como objetivo nem delas se tirasse outro proveito que uma verdadeira e sólida piedade e devoção. Nem corais, nem tapeçarias, nem folhetos ou propaganda. O bimbalar festivo dos sinos, sim..." (quando os havia!). Até o dia de S. Francisco de 1833 eles foram mais simbolizados que representados pelo único que existia, o pequeno (sino) Maria- José do Pe. Nicolau Galvani. Todavia, uma vez instalados os demais, coube a eles, até que viveu Pe. Gaspar, derramar do campanário e interpretar a música de todas as solenidades.

Portanto, nada de corais, de música, etc., "mas, continua Pe. Giacobbe, muitas missas, muitas confissões, numerosas comunhões, e à tarde, sermão feito por um de

seus padres. Tudo se encerrava com o simples e grave canto da Ladainha Lauretana", onde a melodia era aquela, que ainda hoje na Escola Apostólica se adapta para a Ladainha de S. José! A bênção era mais do que simples: com as relíquias, depois apresentadas ao beijo. Pe. Giacobbe conclui: "Este era o desenrolar das cerimônias e o modo que lhe agradava". "Creio ajunta Pe. Giacobbe que agradasse a Deus a celebração da memória dos santos, de sua glorificação e proveito das almas".

Havia uns particulares que o Pe. Gaspar queria até fossem requintados: "Suntuoso e esplêndido o altar. O sacerdote que deveria officiar, ricamente paramentado. Os vasos sagrados, ricos pelo lavor e preciosos pela matéria, etc., etc... Nas ocorrências das festividades, também esplendor, abundância, magnificência tais de nada deixar a desejar".

O número de missas, nas festas dos Estigmas, talvez seria a ambição maior dos primeiros padres dos Estigmas. Em 1826, chegou a 70. Em 1828 e 1832, 77. Este o maior número atingido enquanto viveu Pe. Gaspar.

Quando a festa caía aos domingos, como é evidente, diminuía o número de sacerdotes. A maior presença de celebrantes, aos domingos foi de 36 em 1831. A mais baixa, 15 no último ano de vida de Pe. Gaspar, quando já fazia 11 anos que a contagem total não mais atingia as raias de 50 e descia abaixo de 40, 30, e uma vez, menos de 20. A média geral sempre permaneceu 50.

2. Após a morte de Pe. Gaspar.

Após a morte de Pe. Gaspar, em 1857 "se festejou os Esponsais de um modo mais solene" do que de costume.

Há um dado, na crônica do Pe. Lenotti, deste teor: "Pela manhã, às 7 hs chegou Dom Riccabona a fim de celebrar, com grande afluência de fiéis e numerosas comunhões. Até os noviços tomaram parte. A tarde, após o panegírico pronunciado do púlpito fora do presbitério, houve grande iluminação. (Nos anos precedentes o sermão era proferido do altar, ou presbitério no primeiro plano). Ladainhas cantadas ao som do órgão e bênção. Esta foi a primeira vez que se deu a bênção solene com o S.S. Sacramento. Esta foi oficiada pelo Vigário Geral, Mons. Marchi com os novos e ricos paramentos. Tudo saiu muito bem, para a glória dos S.S. Esposos e edificação dos fiéis. *Deo Gratias et Mariae et Joseph.* No ano seguinte, a festa dos Esposos foi também solene e memorável. Como em 1857, de manhã presidiu a Missa o Sr. Bispo, e, à tarde,

Mons. Marchi, que deu a bênção com o novo Ostensório feito em Milão pelo famoso Bellezza. Na ocasião foi também ali distribuída a “Vida do Pe. Fundador”. Louvores sejam dados a N. Senhor, N. Senhora e S. José”.

A bênção do Santíssimo, até então fora do nosso uso litúrgico, por costume dos tempos, talvez, também por causa das delicadas cautelas de Pe. Gaspar para não causar eventuais ou possíveis melindres paroquiais, entrava finalmente em uso entre nós.

CAPITULO V

FONTES ONDE PE. GASPAR BUSCOU ARGUMENTOS PARA FUNDAMENTAR A DEVOÇÃO AOS ESPONSAIS

Em páginas precedentes procuramos recolher o que nos pareceu significativo a propósito da devoção do Pe. Gaspar à N. Senhora e S. José. Não é de menor interesse reunirmos aqui, tudo o que possa dar -nos uma visão profunda acerca de assunto tão vital para nós.

Apresentamos, então, duas fontes que merecem mais enfoque. Delas Pe. Gaspar tirou proveito quer para sua devoção genérica quer para a específica. Da devoção específica ocupar-nos-emos, agora, O quanto já afirmamos, isto é, que Pe. Gaspar foi o introdutor em Verona do culto dos Esponsais, com altar, solene celebração anual e anexos e conexos, não vamos repetir. São fatores que não se devem esquecer, e mais, devem ser levados em consideração.

1. Padre Ludovico da Ponte.

A primeira fonte que nos apraz indicar é o livro das Meditações do Venerável Pe. Ludovico da Ponte, Jesuíta.

Estas meditações de que Pe. Gaspar se serviu com desvelo, e seguiu com perfeição, também seus discípulos, oportunamente, delas fizeram uso tanto para a oração como para o ministério. A respeito disto o Fundador fala-nos claramente num livrinho que contém os pontos de mais de 50 meditações do citado jesuíta. Estes pontos valem por uma meditação. O livrinho a que nos referimos consta sob o número 92, junto a outros documentos, na S. Congregação dos Ritos.

Poderíamos, conjecturar como fazia: à tardinha lia o texto todo, e anotava os

pontos por escrito. A noite e na manhã seguinte, desenvolvia-os consigo mesmo.

O livrinho contém toda a "segunda parte" de tais meditações. Desde aquela que trata "da Infinita excelência do celeste Rei Jesus Cristo e do convite que a todos faz para segui-lo"... (chama-a "fundamental") até a "Vida de Jesus em Nazaré e seus trinta anos".

Além da "Fundamental" há, ainda 31 meditações. Seguem depois outras tiradas da "Terceira Parte"...

A nós nos interessa particularmente algumas da "Segunda Parte". Por exemplo, aquela sobre "a escolha de N. Senhora para ser Mãe de Deus", a vida de N. Senhora até a Encarnação e "suspeita de S. José e a revelação do anjo".

A quarta consiste em 7 pontos que bastariam para 7 dias. O 1º ponto é subdividido em dois: 1. Natividade de Maria, alegria para todo o mundo - 2. Nascimento espiritual de Maria no coração de seus devotos.

O 2º ponto, em 2 subtítulos: 1. Imposição do nome de Maria e seus significados. 2. Fruto das antecedentes considerações.

O 3º ponto: A apresentação de N. Senhora no Templo tem 4 subtítulos: 1. Deus inspirou-a a se consagrar a Ele. Que benefício é a vocação religiosa! - 2. Nascimento espiritual de Maria no coração de seus devotos. 3. Com que espírito a Virgem se consagrou a Deus. - 4. Oferta perpétua da Virgem a Deus.

O 4º ponto traz também 4 subtítulos: 1. Vida da Virgem no templo e excelência de suas obras. - 2. Admiração dos Anjos. 3. Vida interior de N. Senhora no templo. 4. Sua vida exterior.

O 5º tem um só: "Voto de perpétua virgindade feito pela Virgem no templo.

O 6º ponto, (chegamos aonde desejaríamos): "Esponsais de S. José". Este ponto está subdividido em 2. 1. Razão pelas quais Deus quis que N. Senhora se casasse com S. José. 2. Virtudes de N. Senhora em seu casamento.

O 7º ponto está subdividido em três. 1. Desejos que N. Senhora, pela sua caridade, teve da Encarnação. 2. Zelo pela salvação dos homens. - 3. Nossa Senhora com suas orações apressou a vinda do Redentor.

Paremos, um pouco, no 6.º ponto:

Fosse possível, como desejaríamos conhecer os desenvolvimentos pessoais, de nosso Pai acerca dos dois pontos deste número! Todavia, seja permitido, se faltando isto, nos demoremos um pouco em apresentar o texto original, que, uma vez lidos e transcritos os títulos, foram-lhe o ponto de partida.

"Razões pelas quais Deus quis que N. Senhora se casasse com S. José".

"A primeira razão foi para esconder este mistério da Encarnação, e, o novo prodígio de um filho concebido de mãe virgem, até o tempo marcado para revelá-lo. A segunda razão foi para Deus defender a honra de sua mãe, para que ninguém viesse pensar mal dela. A terceira razão, para que ela tivesse quem a apoiasse em suas andanças. E que seu Filho tivesse um nutrício que o sustentasse e dele cuidasse. E, finalmente, para ter ocasião de engrandecer S. José, elevando-o a tal dignidade: ser esposo da grande mãe de Deus e nutrício de seu Filho. O pai, agradeço-vos pelo cuidado, que tendes de vossos filhos e domésticos olhando sua honra, educação e sustento. Preveni, em tempo, com o remédio para os seus males. Procurais ocasião de erguê-los. Feliz daquele que está sob vossa proteção. Tende, também cuidado de mim, Senhor, pois sou vossa criatura, para sempre me ocupar em vos servir, já que sempre vos ocupais em me governar."

"Virtudes de N. Senhora em seus Esponsais com S. José".

"... tem-se que considerar em N. Senhora a sua grande fé e confiança em Deus pelo fato que sua virgindade não seria sacrificada em se casando. Tem-se que considerar também a grande obediência que mostrou em aceitar este estado, que tanto a amedrontava negando sua vontade e submetendo-se a Deus".

'Oh! Heroicidade de confiança e abandono!" terá exclamado Pe. Gaspar. Terá concluído com o Pe. Da Ponte: "Nisto devo imitá-la, conforme meu estado. Persuadindo-me de que por obedecer a Deus com verdadeira fé, não perderei nem virtudes nem consolações, nem coisa alguma que possa desejar para minha salvação. Sabe e pode Deus unir virgindade com maternidade, contemplação com ocupação, e beleza de Raquel com a fecundidade de Lia, sem que uma seja prejudicada pela outra".

Esta meditação é integrada por outra que no manuscrito de Pe. Gaspar tem por título: "Suspeita de S. José e revelação do Anjo". Esta, como dissemos, é a décima

quarta parte da série. Tem 5 pontos.

O 1º está subdividido em 3 números:

"Santidade de S. José".

1. Superou na santidade a todos os antigos patriarcas.
2. Suas virtudes principais.
3. Poderosa intercessão de S. José junto a Jesus e Maria.

O 2º em dois números:

1. Para experimentar as virtudes de N. Senhora e de S. José, Deus permitiu que este suspeitasse dela.
2. Também os homens Santos devem sofrer tentações e aflições nesta vida.

O 3º ponto, ainda em 2 números:

1. Paciência e prudência de S. José nessa ocasião.
2. Humildade, silêncio e confiança em Deus e oração de N. Senhora.

O 4º, "Revelação do anjo a S. José", é dividido em 3 números:

1. Fidelidade da Providência divina para com os seus.
2. Alegria de José pela revelação do anjo.
3. Alegria de N. Senhora pelo mistério revelado a José.

O 5º ponto traz somente um número:

"Sentimento de S. José ao receber em sua casa N. Senhora".

Eis aí o quadro completo. O Santo abandono em Deus é levado às alturas, que à mente e ao coração do homem aparecem vertiginosas. Enquanto que a Fidelidade e a Misericórdia da Providência aparecem numa luz, que faltando conceitos e palavras, só se pode dizer divina.

2. A Suma de Santo Tomás.

A segunda fonte que convém indicar se, de fato, desejamos nos colocar no ponto de vista que levou o Fundador a achar nos Esponsais a razão para se tornar devoto e zelador, é a Suma Teológica de Santo Tomás.

Leu-a duas vezes, ainda clérigo. Estudou-a com abalizados comentadores. Antes de ser ordenado leu-a uma terceira vez. Depois familiarizou-se ainda mais com a Suma a ponto de alimentar com ela pessoas que o procuravam. Não há dúvida de que sua inteligência, o coração e o espírito estavam bem imbuídos dela.

Eis a "***Pars tertia***" (terceira parte). Questão XXIX: "Dos Esponsais de N. Senhora, divididos em 2 artigos... E a respeito disto podem se formular duas questões: 1. "Se Cristo deveria ter nascido de Pessoa casada". 2. "Se houve de fato, verdadeiro casamento entre Maria e José".

Não parece o caso de trazer à baila trechos para material de confronto para suplemento de prova, exceto um particular que veremos mais adiante. Na falta de escritos análogos próprios de Pe. Gaspar temos um fato significativo: Os panegíricos anuais dos Padres dos Estigmas, no dia 23 de janeiro, justamente do tempo do Padre Fundador, buscam em Santo Tomás os textos, guiam-se por suas pegadas e lhe absorvem a substância.

CAPITULO VI

Chegou, afinal, o momento de nos perguntarmos: Por que Pe. Gaspar, quando quis que sua Comunidade tivesse como Patronos Maria e José, os propôs especificamente no mistério dos Esponsais?

É possível que alguém ria ou ache estranho ouvir que no Mistério dos Esponsais se quis encontrar o celeste Patrocínio para uma Congregação religiosa de Missionários.

É possível também que haja quem não reflita que os Esponsais de Maria com José sejam, de fato, virginais. Na "*Quaestio* XXIX da Terceira parte da Suma, S. Tomás, entre outras razões que Cristo nascesse de uma Virgem casada, traz o seguinte: "Porque com isto se quer significar toda a Igreja, que, sendo Virgem, no entanto está casada com o único homem, Cristo". Texto conhecido de S. Agostinho citado por Santo Tomás no *De Sancta Virginitate*, C. 12, onde se compreende como "*in nuce*" também os esponsais de Cristo com a alma.

Oportuno ainda conhecer o que S. Tomás afirma, continuando: "Pode ainda existir uma quinta razão pela qual a Mãe do Senhor é casada e virgem: porque, em sua pessoa, tanto a virgindade como o matrimônio são honrados, contra o que afirmam

hereges *alteri eorum detrahentes*. Motivo pelo qual à sombra destes Esponsais tanto virgens como casados podem muito bem, conviver".

A outros pareceu que os Esponsais tenham entrado no plano do Fundador somente enquanto neles Maria e José se apresentam unidos para poder abraçá-los com único olhar e envolver num único ato de veneração.

Isto poderia ser verdade mesmo se se substituísse com o mistério da Sagrada Família que, de resto, parece compreendê-lo.

Não acreditamos que Pe. Gaspar, neste caso estaria de acordo.

O mistério da Sagrada Família, sem dúvida não era ignorado pelo Fundador, que, por anos a fio estivera em contacto com a Naudet, Fundadora das Irmãs da Sagrada Família.

Este título (da Sagrada Família) não foi simples nome exterior mas proveio de profundo estudo e da imitação do mesmo mistério. Estudo e imitação leva- dos a efeito por Leopoldina sob a vigilância e quase sob a direção de Pe. Bertoni.

Isto tudo vem confirmado por textos da mesma Naudet e do Pe. Fundador.

Este mistério da Sagrada Família não era obscuro ou pouco venerado naqueles tempos. O mesmo Pe. Gaspar claramente afirma que "dada a excelência e utilidade da devoção à Maria e José inferior somente àquela cujo objeto é N. Senhor, não é de se admirar se a devoção à Sagrada Família seja na Igreja católica, tão comum e solene".

É forçoso, ao invés, afirmar que para a devoção dos Esponsais de N. Senhora com S. José, o Pe. Fundador tivera, desde menino, propensão, quando começara a chegar-se a Cristo o Esposo de sua alma, poetizando, em tercetos dantescos, que como ao se aproximar a brisa primaveril, todo o jardim se transforma:

*"Dal freddo inverno di pigro riposo
Tal fu tratto il mio cuore negli anni verdi
Da la voce gentil d'un casto Sposo.
L'udii, n'arsi, il vidi quasi..."*

Diz que, muito tarde, dirigiu-lhe os olhares, mas o perdeu de vista. Então o vai procurando com anelos da Esposa dos Cânticos e lhe parece que a mesma natureza faz ecos a seus suspiros.

*"Ma come al nato sol sua faccia molle
 Di notturna rugiada absterge e abbellà
 La terra, e ride dalle pinte zolle:
 Così m'apparve un Garzoncel, che a quella
 Luce, che dal suo ben viso n'uscia
 Lo riconobbi una celeste Stella:
 A te diss'egli il mio Signor m'invia
 Paraninfo gentil, che a' casti amplessi,
 Se tu mi segua, t'aprirò la via".*

E exclama o poeta:

"Io non so ben se dentro me mi stessi":

O "Paraninfo gentil" descreve-lhe a soberana beleza de quem lhe pede o coração.

O mesmo acento, com idêntico sentido mas de diferente maneira, aflorará a seus lábios, há quatro meses apenas de sua Primeira Missa, do púlpito de S. Firmo, na festa do Nome de Jesus, 18 de janeiro de 1801. Mostrará em Jesus o amante mais amável: Deus e Homem. Convidará as almas a contemplar a beleza, a ciência, a virtude, a doçura, a cortesia, a bondade do coração no mais terno e apaixonado amante, que espera, espera...

"Que queres, meu Jesus, com tanto amor? Ouvi, ouvi, palavras, ou melhor, transportes de amor:" Que ela me ame e consinta em minhas castas núpcias. Fiz que meus amigos falassem e lhe foi dito de minha parte: "Ouve, filha e vê, inclina teu ouvido. Deixa a casa e teu povo e o Rei do Céu se enamorará de tua beleza".

E tua história, caro Pe. Gaspar! Somente que não fizeste que Jesus esperasse. Tua história, pelo menos desde quando o "paraninfo gentil" te chamava em nome de Jesus:

*"Se tu cerchi veder Lo, Il cerchi invano,
 Se pria non L'ami: e questo ti ricorda:
 Ch'Ei parla al cuore, ma dolcemente e piano.
 Tendi l'orecchio adunque, e se t'assorda
 Il rumor delle genti, esci! abbandona
 La patria e il popol tuo ti scorda:
 Ed il tuo Re ti ama e a te si dona..."*

A história de Pe. Gaspar continua em 4 de outubro de 1808, do púlpito de S. Firmo Maior na lamentação aflita do caso de tantos cristãos: "Muitíssimos seguem a Cristo como servos, por temor. Mais temem que amam..." "Alguns seguem a Cristo como filhos, por amor um pouco interessado na herança..." Poucos seguem a Cristo como amigos, que alicerçam seu amor na comunicação mútua de bens. Mas se dessa... a doce influência desses bens, e, se a substitui a amarga participação dos males do amigo: Todos, tendo-o deixado, fugiram..." Pouquíssimos servem a Cristo como amantes... aonde quer que vá... ao Tabor ou ao Calvário. Ao odor dos unguentos de suas inspirações e internas consolações correm atrás dele: não correm, todavia, com igual passo... *exultavit ut gigans*. Mas a esposa adulta na escola de Deus, do Amor, não é atraída pelo odor, mas pela direita do Esposo, e a ele se apertando fortemente, e se apoiando em sua Fortaleza, caminha *pari passu*, e com Ele não corre mas voa: *innixa super dilectum suum*.

Evidentemente, esta é a aspiração de Pe. Gaspar. Então, por exemplo, quando quer falar aos Seminaristas sobre Jesus Cristo, Esposo, basta-lhe este simples lembrete: "Cristo Esposo", certo que não lhe faltarão nem conceitos nem expressões.

Todos sabem, como ele quis conceber seus Missionários Apostólicos, em suas Constituições, legislando sobre a castidade. "Cada um, pois, tenta com todo o esforço àquela perfeição de castidade que convém a pessoas que têm missão evangélica, paraninfo de Cristo cuja alma desposada unicamente com Ele, deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, santa de mente e de corpo".

Tais disposições de espírito remotas e próximas colocou-as agora frente ao fato inegável, ao qual, para o mesmo Pe. Fundador é devida a escolha dos Esposos como Patronos e da festa dos Esponsais como festa patronal.

Lembre-mos que Santo Tomás já nos indicou nos Esponsais de Maria com José, os Esponsais virginais da Igreja, (e, de tocos e cada um dos membros deste corpo místico) com o único Esposo, Cristo.

Veja-se, então, se pode haver lugar para discussões e tergiversações sobre possíveis intenções escondidas por nosso Fundador em fazer a escolha, cujo mérito todo lhe atribuem.

Após estas considerações, se torna óbvio que o mistério dos Esponsais foi por ele abraçado nem parcialmente nem como simples substituto de outro mistério, mas em

toda sua integridade doutrinal, devocional e prática.

Acresça-se a isto que no mistério dos Esponsais ele contemplou o mais clássico e perfeito exemplo de tudo o que constitui o núcleo central da vocação de seu próprio espírito: O Santo Abandono. Aquele espírito que, como sua especial vocação, é por ele mesmo insinuado no conhecido "Memorial Privado": se abstendo de julgar a quem não segue o mesmo caminho: "Quem é atraído pelo Espírito para maior perfeição como é o se abandonar em Deus - não deve se ressentir se outros... etc, etc."

Isto é insinuado, mas é notado no Fundador como traço característico por aqueles que com ele privavam.

É testemunha Pe. Marani, que atesta explicitamente a máxima, aplicando-a ao fato da ereção do Instituto. "Expondo o que aconteceu, seguindo nós as disposições de Deus". (E sobre este inciso que se chama atenção): "Seguindo nós as disposições de Deus", atrás do qual devemos andar e nunca à frente (dizia frequentemente) e praticava meu Fundador. Com ele, desde 1805, vivi mui familiarmente. Desde 1816 convivi como primeiro que fui, para minha felicidade, em o número de seus companheiros ou melhor, de seus discípulos e filhos".

Pe. Gaspar sintetiza tudo familiarmente com a expressão: "confiemos em Deus". Escrevia, também, a Pe. Bragato: "Confiemos em Deus que é admirável, e desconfiemos de nós mesmos".

Estando com os Seminaristas encorajava-os ensinando: "Nosso Senhor dá tudo do que é seu quando alguém a ele se abandona e o segue fielmente, e humildemente não o antecede".

É pois coisa curiosa como as expressões habituais de Pe. Gaspar passam, com toda naturalidade aos lábios de seus filhos nos sermões de todo 23 de janeiro, quando abordam o assunto do Abandono praticado pelos Esposos Sagrados e dos ensinamentos que daí se tiram.

Pe. Caetano Brugnoli, a propósito da provação de José, quando notou a Gravidez de N. Senhora, fala:

"Se bem Maria percebesse a perplexidade de José... sabia como Deus tinha em seu profundo silêncio, dado início a obra da Encarnação, sem testemunho ou participação de criatura alguma... e estava persuadida de que a Deus caberia torná-la

conhecida a quem, como e quando lhe aprouvesse. Para não anteceder as disposições da Divina Sabedoria, à qual se abandona inteiramente, não abre a boca, não faz insinuações a seu Esposo, mas vive, em tal resignação e dependência da vontade Divina, coisa bem digna de nossa admiração, honra e veneração".

Outro exemplo de Pe. Venturini:

"Os Santos Esposos, com relação a seu matrimônio, se abandonaram tão perfeitamente nas mãos de Deus, que se deixaram em tudo e em cada coisa, reger, governar e manejar pela Divina Providência".

O ensinamento que se deduz de tudo pode ser sintetizado na conhecida expressão: "Confiar em Deus".

Portanto, Pe. Gaspar, que é que ele descobriu no mistério dos Esponsais de Maria com José?

1. A mais sublime perfeição do ideal de santidade, por ele mesmo vivido na prática do Santo Abandono.
2. O mais eficaz e poderoso patrocínio junto a Cristo, nosso esposo e Senhor.
3. O mais adaptado objeto devocional a atrair almas à íntima união com Ele.
4. O mais atraente e mais belo exemplo de serviço total a Deus.
5. A melhor e mais rica herança que podia deixar a seus filhos.

Seus filhos ficaram bem imbuídos destes ensinamentos.

Pe. Marani, a quem Pe. Bertoni reservara o privilégio de codificar em compêndio sua vida e a de seus primeiros filhos, nas duas conhecidas fórmulas, escreve:

- I. *Missionarii Apostolici sub protectione Beatae M. Virginis et Sancti Joseph ejus sponsi.*
- II. *Qui huic sodalitati nomen dederit prae oculis semper habeat Beatam M. Virginem et Sanctum Joseph. Ab ipsis praesertim discat:*

- ◇ *et amorem paupertatis,*
- ◇ *et orationis et meditationis studium,*
- ◇ *promptam oboedientiam etiam in rebus difficilibus et naturae contrariis,*
- ◇ *Dilectionem Dei, cujus gloriam semper intendere debet,*
- ◇ *et proximi cujus bonum Spirituale etiam cum vitae dispendio procurare sataget".*

I. "Missionários apostólicos sob a proteção da Bem-aventurada V. Maria e de seu esposo S. José.

II - Quem der o nome a esta Congregação tenha sempre diante dos olhos a Bem-aventurada V. Maria e S. José. Deles aprenda:

- ◇ o amor à pobreza.
- ◇ a aplicação à oração e à meditação.
- ◇ a prontidão de obediência mesmo nas coisas difíceis e contrárias à natureza.
- ◇ a caridade para com Deus, cuja glória tem que ter como único objetivo.
- ◇ a caridade para com o próximo, cujo bem espiritual se deve zelar, ainda que a custo da própria vida".

†
†††
†

Extraído de: *Collectanea Stigmatina*,

Volume I - *Fascicolo III*

CAP. I, II, III, IV, p. 248-264

CAP. V, VI- p. 352-364